

Subjetividade e trabalho: Interpretação de História de Vida

Olesen, Henning Salling

Published in:

Corpos, saúde, cuidados de si e aprendizagens ao longo da vida: desafios (auto)biográficos

Publication date:

2012

Citation for published version (APA):

Olesen, H. S. (2012). Subjetividade e trabalho: Interpretação de História de Vida. In J. L. da Cunha, & P. Perin Vicentini (Eds.), *Corpos, saúde, cuidados de si e aprendizagens ao longo da vida: desafios (auto)biográficos* (pp. 253-279). EDIPUCRS.

General rights

Copyright and moral rights for the publications made accessible in the public portal are retained by the authors and/or other copyright owners and it is a condition of accessing publications that users recognise and abide by the legal requirements associated with these rights.

- Users may download and print one copy of any publication from the public portal for the purpose of private study or research.
- You may not further distribute the material or use it for any profit-making activity or commercial gain.
- You may freely distribute the URL identifying the publication in the public portal.

Take down policy

If you believe that this document breaches copyright please contact rucforsk@kb.dk providing details, and we will remove access to the work immediately and investigate your claim.

9
Corpos, saúde, cuidados de si e aprendizagens ao longo da vida: desafios (auto)biográficos
Jorge Luiz de Cunha
Paula Perin Vicentini
(Org.)
Pesquisa (Auto)Biográfica
Temas Transversais
Corpos, saúde, cuidados de si e aprendizagens ao longo da vida: desafios (auto)biográficos



Apresentação da coleção

A Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais oferece à comunidade científica os avanços mais recentes da Pesquisa (Auto)Biográfica, propostos por pesquisadores que vêm consolidando essa jovem ciência em países das Américas e da Europa. Os livros da Coleção verticalizam debates sobre o estatuto epistemológico das fontes biográficas e autobiográficas, seus potenciais teórico-metodológicos e suas contribuições para a produção do conhecimento em diferentes áreas das Ciências Humanas e Sociais, mais especificamente em Educação.

Por conseguinte, apresentar à comunidade científica e à sociedade em geral a coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais é um momento feliz por três razões principais: pela internacionalização da pesquisa em Educação, que encontra na realização das edições do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica um espaço privilegiado de alianças e de debate; pela consolidação de redes de pesquisa, que vem enriquecendo o movimento biográfico em âmbito nacional e internacional e, finalmente, pela oportunidade de agradecer aos nossos pares por suas valiosas contribuições e às agências de fomento, em particular ao CNPq e à CAPES, pelo auxílio a projetos e programas de cooperação e de mobilidade acadêmica, realizados por pesquisadores vinculados aos Programas de Pós-Graduação no Brasil.

Os Organizadores
Maria Helena Menna Barreto Abrahão
Maria da Conceição Passeggi
Elizeu Clementino de Souza

Capa: LG Studio graphic (Strasbourg) e Wilson Fernandes (Natal | RN)
Editoração eletrônica: CVY Consultoria e Empreendimentos
Revisão: Jorge Luiz da Cunha e Paula Perin Vicentini

Impressão e acabamento: EDIPUCRS

FICHA CATALOGráfICA - Sistema de Bibliotecas da UNEB
Biblioteca: Jacira Almeida Mendes - CRB: 5/592

Corpos, saúde, cuidados de si e aprendizagens ao longo da vida: desafios (auto)biográficos / Organizado por Jorge Luiz da Cunha; Paula Perin Vicentini. - Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRRN; Salvador: EDUNEB, 2012. 292 p. - (Coleção Pesquisa (auto)biográfica: temas transversais, 6.)

ISBN 978-85-397-0239-8 (EDIPUCRS)
ISBN 978-85-7273-950-4 (EDUFRRN)
ISBN 978-85-7887 (EDUNEB)

1. Educação - Congressos. 2. Memória autobiográfica - Congressos. 3. Identidade (Conceito filosófico) - Congressos. 4. Maturidade - Congressos. 5. Corpo humano - Aspectos sociais - Congressos. 6. Saúde - Educação - Congressos. 7. Professores - Biografias - Congressos. 8. Professores - Formação - Congressos. I. Cunha, Jorge Luiz da. II. Vicentini, Paula Perin.

CDD: 370.11

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem a autorização expressa das editoras.



© Editora da UFRN - 2012
Av. Senador Salgado Filho, 3000
Lagoa Nova Natal/RN-Brasil
59.078-970
Tel.: (84) 3215-3236
Fax: (84) 3215-3206
edufrrn@editora.ufrn.br



© Editora da PUCRS - 2012
Av. Ipiranga, 6681
Prédio 33 Caixa Postal 1429
Porto Alegre/RS-Brasil
90.619-900
Tel.: (51) 3320.3711
Fax: (51) 3320.3882
edipucrs@pucrs.br



© Editora da UNEB - 2012
Rua Silveira Martins, 2555
Cabula Salvador/BA-Brasil
41.150-000
Tel.: (71) 3117-5342
Fax: (71) 3117-2412
editora@listas.uneb.br
eduneb.secretaria@gmail.com

Impresso no Brasil, 2012

Subjetividade e trabalho: interpretação psicossocial de histórias de vida³⁸

Henning Salling Olesen³⁹

Este artigo irá convidá-lo para um exercício metodológico e teórico, ao examinar diferentes formas de teorizar a identidade no trabalho ou o lado subjetivo do trabalho. Este tem uma perspectiva política quanto aos requisitos gerais para que os indivíduos se adaptem à flexibilidade para as mudanças sociais do trabalho, mas sua ênfase está no caso metodológico sobre como as subjetividades podem ser teorizadas e pesquisadas de forma empírica em relação às mudanças sociais do trabalho. O ponto de partida é a crítica de Richard Sennett sobre as consequências da socialização e da cultura no novo capitalismo. A interpretação de uma história de vida de uma pesquisa na carreira e experiência de vida de um engenheiro será apresentada, e discute-se que esta análise, ao atender a circunstâncias específicas e a ambivalências subjetivas, mostra um quadro mais rico e dinâmico das mudanças de subjetividade. A abordagem analítica baseia-se no entendimento hermenêutico de sujeito(s) específico(s), interacionismo simbólico, assim como o modelo psicossocial baseado na síntese teórica crítica dos marxistas e de inspiração psicanalítica.

38 Este estudo foi realizado em colaboração com a União Dinamarquesa de Engenharia (IDA). Este projeto abordou o mercado de trabalho em engenharia e o reconhecimento subjetivo do engenheiro de sua vida, de sua educação e de sua carreira profissional e de suas perspectivas de vida. 17 entrevistas sobre a história de vida individual foram realizadas. A maioria das entrevistas foi realizada por Tania Christensen e processada com a colaboração de Vibeke Andersen, Anders Buch e Henning Salling Olesen. Alguns dos engenheiros são retratados por Christensen/Buch (1999). Veja também o artigo apresentado anteriormente na rede de pesquisa ESREA sobre Educação de Adultos e o Mercado de Trabalho IV (Buch, 1999), e também em Salling Olesen (2000, 2001, 2002).

39 Roskilde University, Dinamarca.

Meu artigo se baseia nos resultados e ideias do projeto História de Vida da Universidade Roskilde. É um ponto relevante, em nossa abordagem da história de vida para o aprendizado, que nós precisamos estudar (aprender) conteúdos em contextos sociais e históricos, para que possamos entender os processos de aprendizagem dentro da educação e da vida cotidiana e para que possamos realmente apreciar os potenciais de aprendizado. A teoria do aprendizado e os métodos de pesquisa precisam preencher a lacuna entre a história de vida individual, com suas continuidades e rupturas tanto conscientes como não conscientes, e a história social da qual todos somos parte ou somos "considerados como fazendo parte". O artigo irá convidá-lo para um exercício metodológico e teórico, examinando diferentes formas de teorizar a identidade do trabalho e o lado subjetivo do trabalho (SALLING OLESEN, WEBER, 2001), sob a ótica de maneiras correspondentes de interpretar casos concretos.

Devo tomar como ponto de partida a relação entre a subjetividade humana e a natureza do trabalho e suas dinâmicas históricas. Uma vez que parece existir alguma diferença trans-cultural significativa em conceitualizar a subjetividade, vou construir meu ponto comparando-o com um dos mais importantes discursos críticos anglo-americanos, o de Richard Sennett.

Assim como muitos outros, eu lia a crítica ao novo capitalismo de Sennett com grande interesse e entusiasmo, porque ele vai contra a corrente e atinge um ponto central com seu livro chamado *A corrosão do caráter* (1998) e suas observações do lado cultural do novo capitalismo. Também li com um pouco de irritação o que pensei tratar-se da maneira dele de ser político, de maneira bem moralista, apelativa ao interesse do leitor. Penso que uma análise social crítica deve dar atenção à ambiguidade do *objeto* social estudado. Por um lado, parece produtivo assumir que a subjetividade é moldada por e em um aspecto integrante de uma constituição de época da sociedade do trabalho e, assim, estabelece um caráter social de época. Por outro lado, o método precisa permitir ou, mais precisamente, deve ajudar a entender a complexidade, as contradições e as ex-

tremidades abertas do envolvimento subjetivo na ordem social e de época.

Dessa forma, o exercício metodológico é sobre diferentes discursos do pensamento crítico e suas relações com certos tipos de estudo empíricos. Vou discutir que a crítica de Sennett reproduz uma relação dicotomizada entre o objetivo social, aqui o trabalho e a subjetividade, visto que uma abordagem da história de vida pode revelar uma relação bem mais dinâmica. Na parte principal do artigo, vou fazer a comparação entre dois casos reais. Vou ilustrar as perspectivas, comparando um exemplo de análise do livro de Sennett (1998) com um caso de nossa própria pesquisa em história de vida, convidando-o para uma discussão sobre a interpretação desse caso.

Eu poderia ter confrontado alguns estudiosos que eu mesmo considero muito mais problemáticos que Sennett. Mas Sennett é um exemplo importante, exatamente por tomar uma posição crítica básica e porque ele entra na discussão sobre o trabalho sob um olhar sociológico e cultural bastante amplo e, consequentemente, monta suas perspectivas fundamentais a partir de sua análise. Alguém pode ter comparado a análise de Sennett com algum teórico continental europeu, como Oskar Negt, que em muitos aspectos compartilha o diagnóstico de Sennett, mas chega a conclusões práticas e políticas distintamente diferentes (NEGHT, KLUGE, 1981). Entretanto, o principal objetivo é explorar o potencial metodológico em uma abordagem de história de vida para estabelecer uma posição crítica que não seja dicotomizada. Uma discussão teórica mais profunda sobre as implicações para a identidade no trabalho e para a teoria do aprendizado deve ser retomada em outro momento.

Flexibilização e aprendizado de longa duração

Gerentes industriais e comerciais afirmam que o desenvolvimento dos processos de trabalho exige grande flexibilidade de mão de obra. O trabalho humano é visto como um recurso necessário, mas também como uma possível limitação ao desenvolvimento do trabalho e da economia. Este uso ideológico

da noção de flexibilidade não somente desfoca de maneira contundente outros significados da palavra – por um lado a flexibilização da disponibilidade de tempo (horas de trabalho) e de espaço (mobilidade) e, por outro lado, a qualidade do trabalho (maneiras avançadas de trabalho, atitude) como principal parâmetro de competição dos centros capitalistas –, mas também desfoca e reduz as relações políticas e dinâmicas entre aprendizado e trabalho, em uma adaptação unilateral. O capital parece tomar conta do desenvolvimento histórico, em que as histórias de vida são vistas mais ou menos como processos de adaptação de sucesso, nos quais o parâmetro para o sucesso é a “flexibilidade”.

Neste discurso existe pouco espaço para a (e até mesmo uma apreciação menor da) experiência de trabalho e para a capacidade concreta para o trabalho humano. A “competência” é abstraída de seu contexto e desenvolvida; a criatividade é cada vez mais especializada e colocada em guetos laboratoriais, completamente distanciados do local de trabalho comum. A noção de “flexibilização” é tão forte que chega até a ecoar em discursos críticos sobre o trabalho, ao menos como denominador comum para ideias “progressivas”, muito diferentes sobre o futuro do desenvolvimento do trabalho, algumas orientadas principalmente em direção à competitividade industrial, algumas orientadas principalmente à humanização do trabalho. E, por outro lado, o movimento do trabalho, uniões comerciais e profissões são (na maioria das vezes) presos em uma discussão entre a *resistência* (preservação de empregos, conteúdo do trabalho, regulação social) e a *aceitação incondicional* da função do trabalho como um objeto moldável para a flexibilização. Neste panorama, parece existir um desafio evidente para a pesquisa em aprendizado e trabalho, para conceitualizar e identificar a dialética entre o contexto objetivo do trabalho, com seus imperativos externos, e a participação subjetiva dos trabalhadores reais. Nós precisamos prestar atenção ao esforço experimental e visionário, o qual pode ser caracterizado como *propensão à flexibilidade*. Com “propensão à flexibilidade”, quero dizer uma abertura e uma sensibilidade real às demandas e desafios do trabalho, realizada, entretanto, por uma pessoa concreta, que

tem sua própria orientação subjetiva e que pode modificá-la ao longo do processo. A flexibilidade é um aspecto indispensável da capacidade de autorregulamentação individual e coletiva, uma noção da habilidade de aprender e desenvolver novas adaptações em processos experimentais.

Por um lado é uma questão de (não) reconhecer as contribuições subjetivas dos trabalhadores ao processo do trabalho e ao desenvolvimento do trabalho, assim como de seu potencial para o aprendizado, dentro dos processos de trabalho. Já, por outro lado, é uma questão de como a história do trabalho influencia culturas e identidades – e eventualmente o potencial reflexivo do sujeito produzido socialmente para imaginar e criar uma nova realidade.

Richard Sennett representa um dos mais importantes discursos críticos sobre o desenvolvimento da vida do trabalho capitalista e suas implicações culturais. Não sei se Sennett irá aceitar a atribuição de *conservador*, mas ele apresenta uma análise de declínio da integridade pessoal, da geração do trabalho com um forte conjunto de valores e uma forte identificação com uma função específica e com qualidades específicas para essa função, até uma nova geração *yuppie*, que tem atitudes flexíveis e sem nenhuma identificação específica com alguma função em especial. Ele trata disto de modo geral em *A corrosão do caráter*.

Sennett observa alguns exemplos de mudança na relação pessoal, em relação ao trabalho, e as relaciona de maneira ampla a uma mudança cultural e, especificamente, às mudanças reais que estão acontecendo no *novo capitalismo*. A linha de raciocínio é que as alterações no trabalho levam a uma erosão dos níveis pessoal e cultural. A demanda da indústria por seres humanos com menos identidade, pessoas que possam ser fácil e frequentemente moldadas, na análise de Sennett, carrega o pressuposto sobre o declínio das atitudes coletivas na classe trabalhadora, devido a um processo de individualização: as pessoas se tornam menos envolvidas umas com as outras; mentes mais abstratas, menos emoções e vínculos locais, menos solidariedade e menos responsabilidade coletiva. Ele apresenta um quadro bastante desolador, no qual aspectos de aprendizado e de competência parecem completamente ausentes.

A questão-chave é a relação entre o modo pelo qual o desenvolvimento social do trabalho pode influenciar a vida cotidiana e a subjetividade do trabalhador e a maneira pela qual a articulação subjetiva e o aprendizado podem resultar em experiência coletiva e na construção institucional.

Em um projeto de pesquisa de qualificação geral sobre a natureza dos novos requisitos de qualificação dos trabalhadores para o desenvolvimento de educação profissionalizante e de treinamentos, nós tentamos estabelecer um modelo conceitual para as relações entre trabalho e aprendizado como um processo subjetivo (SALLING OLESEN, 1996). Um modelo foi projetado, o qual permitia o mapeamento dos níveis de engajamento subjetivo nas mudanças qualitativas do trabalho e suas interações com outras áreas da vida. Este modelo sugere que o engajamento no trabalho, incluindo a necessidade permanente de adaptação flexível, na verdade induz processos de aprendizado mais complexos que se interrelacionam com um processo de desenvolvimento pessoal e de construção de experiência, conectado com o que, com algumas reservas, chamamos de processo de identidade. Por outro lado, esses processos de aprendizado podem resultar também em novos níveis e em novas maneiras de participação efetiva. O modelo era heurístico, pensado para superar a simplicidade unilateral, a qual nesse momento comandava a tecnologia social de planejamento da educação continuada e hoje também o discurso gerencial dos recursos humanos. Creio que isso foi bem produtivo dentro do contexto apresentado.

O que nós não conseguimos fazer com tanto sucesso foi teorizar o modo como o sujeito, o trabalhador real, é formatado em um processo histórico no qual o trabalho exerce um papel significativo, mas não exclusivo. A relação entre homem e trabalho foi revertida, se comparada com os discursos políticos e gerenciais predominantes, mas ao custo de que o **homem** neste caso aparece mais como um indivíduo abstrato do aprendizado, e os processos individuais e locais de aprendizado são suprimidos do processo social de democratização e luta pelo interesse social, como enfatizaram alguns críticos (AAGAARD NIELSEN, 1997).

Como consequência da dicotomia não resolvida, o conceito de qualificação geral pode tender a apoiar hipóteses fantasiosas de *humanização orientada pelo capital do trabalho*. Esta tendência óbvia tem sido frequentemente mostrada, apesar do fato de que nós partimos para explorar as condições para uma *transformação do trabalho orientada pelo aprendizado humano* – relacionada com uma crítica ao capitalismo como tal.

Em primeiro lugar, quero reconhecer que a necessidade de uma discussão metodológica é, também, inerente à nossa própria pesquisa. Tendo feito isso, então, a questão está em como podemos descobrir o material dialeticamente, em vez de construir uma dicotomia idealista ou moralista.

A visão de Sennett vai na direção oposta: A realidade no novo capitalismo não facilita o aprendizado. A flexibilização do indivíduo é uma adaptação e identificação permanentes, com uma aceleração do processo de mudança, o qual na verdade representa uma demanda exagerada para a maioria das pessoas. A competência humana para a adaptação é sobreposta pela dinâmica econômica, tecnológica e organizacional. A imaginação e a criatividade são pré-estruturadas por ela e a dialética de autorregulação entre experiência, experimento e imaginação de alternativas, em um contexto local específico, tende a decair para uma simples resistência ou estratégias de sobrevivência.

Ainda, esta não é toda a história, e talvez nem seja a mais importante. No projeto de História de Vida, nós examinamos as ambiguidades na experiência subjetiva do trabalho – tanto no modo no qual as pessoas encontram mudanças acontecendo em seus locais de trabalho e os potenciais de aprendizado no trabalho como tal –, no contexto de experiência de vida. Nós buscamos as maneiras pelas quais a flexibilidade humana engloba a formulação e a realização de anseios e necessidades subjetivas, ou seja, como a adaptação e a construção da experiência reflexiva são integradas em uma perspectiva subjetiva específica. A questão interessante sobre aprendizado e trabalho é o quão abertos e determinados são os processos de aprendizagem que acontecem em situações específicas. Nós os analisamos como indivíduos específicos, atendendo a fenômenos novos e mutáveis e práticas sociais, construindo um significado deles

mesmos, com fundo em suas experiências de vida e também se redefinindo cognitiva e emocionalmente. O aprendizado tem um aspecto importante da flexibilização, mas não é a flexibilização da plasticidade ilimitada, na qual o trabalho humano é simplesmente moldado às exigências do trabalho.

O desafio metodológico é pegar os processos reais de aprendizagem e as ambiguidades em reações de defesa, ao invés de confirmar a dificuldade. Nós buscamos as inclinações na flexibilidade. Por coincidência, nós temos um caso empírico que nos permite certa forma de comparação com a posição de Sennett, de um estudo da relação de engenheiros com o ensino de engenharia e o trabalho.¹ Os engenheiros são profissionais, eles são identificados com sua ocupação e suas competências, mas eles também estão em uma profissão que é muito exposta a alterações e dinâmicas sociais. As duas próximas seções pretendem fazer uma breve apresentação dos casos e suas interpretações, de forma a possibilitar a discussão das implicações das duas abordagens: teorização e metodologia, respectivamente.

Engenheiros de Sennett

O livro de Sennett não fornece informações sistemáticas sobre o plano empírico de suas observações. Os fragmentos têm a forma de relatos, já interpretados e apresentados como exemplos para tendências e características gerais; assim, não é possível realizar discussões diretas de sua interpretação. Nós teremos, portanto, que nos referir ao argumento global para podermos entender como ele interpreta os casos exemplos que ele realmente apresenta. Seu conjunto de observações levanta diversas questões quanto à seleção dos casos e seu contexto, os quais não serão considerados agora, mas que devem ser mantidos em mente:

Em que *sentido* é a observação da corrosão do caráter evidenciada empiricamente? Até que *medida* ela é verdadeira/válida? Isso está acontecendo para todos, para muitos ou somente para aqueles que estão envolvidos em um subdomínio social

específico? Como podemos empiricamente estudar e validar a observação?

Qual o papel da qualidade do processo de trabalho em seu desenvolvimento? São as mudanças na identidade do trabalhador causadas pelo processo de trabalho, por relações sociais amplas ou são informadas por outros fatores? Em qualquer dos casos, quão uniforme é o papel da qualidade do processo de trabalho?

As questões que serão levantadas estão relacionadas com o lado subjetivo desse processo: qual é o mecanismo de desprendimento do trabalho? Ele é de embotamento emocional ou social? Ele significa superar conhecimento cognitivo baseado em rigidezes?

Um dos exemplos de Sennett é um caso de sete engenheiros que foram demitidos da IBM, quando a tecnologia passou de computadores enormes (*mainframes*) para estruturas baseadas em computadores pessoais (PC). Eles também são destacados como vítimas no novo capitalismo que de certo modo preservam sua integridade humana. Eu trago então algumas citações que apresentam algumas pistas:

a tentativa dos engenheiros de construir um sentido para o que havia conhecido caiu grosseiramente em três estágios. Quando entrei na discussão os homens se sentiram vítimas passivas da corporação. Mas quando a discussão chegou a uma conclusão, os empregados demitidos haviam trocado o foco para o seu próprio comportamento. [...]

Neste meio tempo, eles haviam passado por uma fase em que culpavam influências externas na forma do trabalho globalizado e um gerente judeu [...]. Como engenheiros de ciência os programadores acreditavam nas virtudes do desenvolvimento tecnológico como a comunicação digital global. Eles também reconheceram a qualidade do trabalho vindo da Índia [...] 'nós amamos o nosso trabalho' – os programadores começaram a falar sobre o que eles poderiam e deveriam ter feito anteriormente em suas carreiras para prevenir sua condição atual[...] Questões de vontade e escolha pessoal, padrões profissionais, narrativas de trabalho, tudo foi trazido à tona – salvo que o tema desse discurso de carreira era mais uma falha do que uma maestria. [...] O pessoal da IBM começou a culpar-se por terem sido tão dependentes da empresa: 'Eles deviam ter se tornado empreendedores como os garotos do Vale do Silício, o lar do surgimento das pequenas tecnologias.'

[...]

‘E esta última interpretação, notei, coincidiu com a mudança de comportamento de meus vizinhos na comunidade. Anteriormente, vereadores e membros do conselho escolar do município, eles deixaram de exercer esses cargos’. Eles não tinham medo de manter suas cabeças erguidas, eles simplesmente perderam o interesse em assuntos cívicos. O único engajamento comunitário que eles mantiveram e, na verdade se dedicaram com um vigor cada vez maior, foi sua afiliação e administração de suas igrejas locais. [...] O mais jovem, Paul, me disse: ‘Quando eu nasci de novo em Cristo, eu me tornei mais propenso a aceitar os fatos e menos predisposto a rivalizar’ [...] ‘Se meus vizinhos tivessem se responsabilizado por suas próprias histórias de vida, aquele ato ético teria levado sua conduta para uma direção em particular; eles teriam se voltado para seu interior’. (SENNETT, 1998, p. 124, 127, 128, 129, 130).

A análise de Sennett da erosão moral é importante e deve ser considerada. De maneira bem ampla, eu posso endossar as críticas e os alertas – e até mesmo a quase apocalíptica última frase do livro: “O que os programas políticos seguem daquelas necessidades internas, eu simplesmente não sei. Mas eu certamente sei que um regime que não fornece razões profundas aos seres humanos para que cuidem uns dos outros não pode manter sua legitimidade por muito tempo” (SENNETT, 1998, p. 148).

Entretanto, eu diria que isto facilmente se torna moralismo, ao invés de abrir caminhos alternativos possíveis de se lidar com as contradições do novo capitalismo. Em outra importante passagem, ele se mostra ciente do problema quanto ao risco de se tornar hermético:

Ao elaborar este quadro, eu estou bem ciente do risco, apesar de todas as qualificações, de parecer uma contraposição entre o antes, que era melhor, e agora é pior. Nenhum de nós deseja voltar à segurança da geração de Enrico ou dos padeiros gregos... O problema que enfrentamos é como organizar nossas histórias de vida agora, em um capitalismo que nos reorganiza à deriva. O dilema de como organizar uma narrativa de vida é parcialmente elucidada investigando-se como, no capitalismo de hoje, as pessoas lidam com o futuro. (SENNETT, 1998, p. 117).

Esta passagem nos leva ao capítulo sobre os engenheiros despedidos. Eles são vítimas do novo capitalismo e, eles estão no

contexto do livro, os exemplos mais explícitos de um processo de aprendizagem. Eu penso que a seleção não tão tendenciosa de citações deixa claro como eles aprendem ao restaurar o seu caráter original, mas isto também os leva para um beco sem saída político. Eles deveriam ser suficientemente brilhantes profissionalmente para antecipar o desenvolvimento da indústria de computadores. Não é de se admirar que eles tenham se voltado para a igreja. Também a Rose, uma mulher bem sucedida em um pequeno negócio feminino, e outros aprenderam, no sentido de tomar consequências conscientes e, de certa maneira, refletir sobre o novo capitalismo. Mas parece, do uso/retórica da linguagem, que os processos dos engenheiros são tidos em alta estima por Sennett. Talvez ele esteja somente apontando que não há maneira de ser político no novo capitalismo, exceto voltando-se para dentro do moralismo (individual). Não vou me aprofundar nesta questão por enquanto, mas quero ilustrar uma abordagem diferente – levando a algumas conclusões preliminares sobre a interrelação entre metodologia, teoria e implicações políticas.

A engenharia como uma história de vida: Christian

Christian tem uma carreira de engenheiro bem típica, é engenheiro e também gerente operacional e agora, aos 57 anos, está desempregado, pois a empresa onde trabalhava fechou. Mas a sua história é também uma personalização incomum de um declínio histórico. Christian é filho de um (*gründer*) empreendedor, ou seja, um artesão que estabeleceu uma indústria a partir do zero. Christian, de certa forma, cuida de sua profissão como do destino da empresa da família. Ele cresceu em uma família comum, mas rica, em que as crianças eram para serem vistas, mas não ouvidas. Ele gostaria de ter estudado história, mas foi facilmente convencido de que a engenharia era mais segura em termos de ganhos. Formou-se em engenharia da produção e trabalhou em um estaleiro por alguns anos como engenheiro em formação.

Christian casou, teve dois filhos e entrou para a empresa da família, a qual após alguns arranjos comerciais, depois da morte de seu pai, tornou-se uma sociedade anônima controlada pelo antigo sócio deste. Então, ele é na verdade um empregado, embora tenha se tornado o gerente de uma usina de ferro fundido.

Enquanto isso, a esposa de Christian morreu jovem e ele se tornou um pai solteiro – o que não era comum na época e difícil de conciliar com sua condição de trabalho. Permanecer na empresa da família, realizando seu bem remunerado serviço gerencial, tornou-se uma maneira de sobreviver a essa situação. Ele também fala com alegria e identificação do emprego multifacetado de “abraçar” as funções de gerente de pessoal, gerente de qualidade e chefe de manutenção em uma pequena empresa. Mas a produção dinamarquesa de ferro fundido cai com a construção naval em um mercado competitivo – algumas poucas empresas desenvolveram novas tecnologias e sobreviveram, a empresa de Christian não. Ele ficou com a desagradável tarefa de fechá-la e transformar o maquinário em sucata. Agora está desempregado – não consegue vislumbrar nenhum emprego futuro –, está desatualizado em TI. Sua verdadeira força seria administrar uma pequena empresa, mas isto está, na sua maneira de ver, dependendo de experiência e de conhecimentos específicos; então suas chances são poucas: “*Bem, eu realmente penso que já seja tarde para aprender algo novo ou um processo completamente diferente em minha idade, mas admito que seja possível. Eu tenho um conhecimento muito bom em linhas de produção*” (p. 28)⁴⁰.

Uma história de perdedor?

Christian está contando a história de sua decadência. Ele não herdou a riqueza da família, somente o destino decadente.

Ele não reclama muito da manobra que fez dele um empregado e não um coproprietário, mas vê o fato de ter sido conve-

niente se manter em segurança na empresa da família quando sua esposa faleceu e ele ficou sozinho com os filhos pequenos.

[...] não havia nada faltando nas aparências/modelos [na casa dos pais]. Eles eram bem luxuosos... Sim, muita coisa mudou desde aquela época. Isto com certeza [...]

[...] Eu nunca herdei nada, mas isto não importa agora. Agora há, finalmente não há mais... Ele teve sua parcela. Por que naquela época ele era quase indispensável, é assim que as coisas são. Bem, isto é só história.

[...] Estava tudo preparado. Bem, obviamente as coisas não aconteceram de maneira suave, E devo dizer... Eu simplesmente não podia continuar naquela vida. Então, fiquei nesta casa – tudo estava montado para acontecer algo grande... então alguns anos depois minha esposa faleceu e eu fiquei sozinho com dois filhos pequenos... assim, eu fiquei com as bênçãos deles só para mim. Esta é uma das razões porque fiquei na empresa, você vê (p. 3, 5).

Ele não mudou sua carreira na época em que podia fazê-lo. Viveu 25 anos na fundição e afundou junto com ela, o que poderia ter sido atribuído a esta trágica história familiar, mas ele não parece se arrependê-lo do que fez. As coisas simplesmente aconteceram para Christian.

Algumas vezes ele parece ver o seu declínio como uma fatalidade coletiva. Ele conta a sua história com muita mágoa e com um entendimento bastante sóbrio de algumas das causas: o desenvolvimento industrial de países do terceiro mundo (especialmente a Índia) deixou somente um pequeno nicho para uma produção bem especializada e de altíssima qualidade na Dinamarca – algumas outras empresas conseguiram sobreviver por que elas eram melhores em desenvolver tecnologias, elas eram/tornaram-se ricas o suficiente para comprar os equipamentos adequados. Entretanto, ele frequentemente se refere com muita amargura ao difícil clima geral para a indústria. Este é um discurso público de reclamações habitual nas pequenas empresas.

Mas outro tipo de argumento aparece repetidamente na entrevista, uma saída óbvia de agressão: as demandas ambientais determinadas pelo governo acabaram por sugar toda a margem

40 A paginação nas citações a seguir se referem à transcrição de uma entrevista dinamarquesa (50 páginas); cada fragmento traduzido pelo autor.

possível que poderia ter sido usada em novos investimentos. Ele está, retrospectivamente, justificando a forma poluidora das pessoas da época, com seu conhecimento de então, e culpando a má sorte de ser um gerente de uma fundição tradicional, em um país aonde as leis ambientais chegaram antes do que em outras partes do mundo. Ao mesmo tempo, ele descreve detalhadamente o ambiente insalubre que é uma fundição e os graves problemas ambientais que as fundições deixaram para trás - solos contaminados com químicos e metais pesados devido às formas de fundição utilizadas (p. 40). Ele não está apresentando nenhum argumento técnico contra as políticas ambientais e ele mesmo gostaria de trabalhar com controle ambiental (p. 37).

A mágoa parece acompanhar a aceitação e o entendimento (depositado na sorte); as agressões às políticas ambientais revelam um desejo de encontrar uma explicação externa para a falha.

O Christian é realmente um engenheiro?

Christian está contando a história do declínio de um tipo específico de engenheiro, com o qual ele se identifica fortemente, de forma que nega alguns outros aspectos da engenharia que poderiam ter resultado em uma história diferente, desde que ele tivesse encarado o desafio de aprender e de mudar. Sua história é contada de forma retrospectiva à sua atual condição de desempregado e, provavelmente, em uma situação complicada para conseguir um novo emprego. Mas ele se identifica como sendo um engenheiro?

Uma surpreendente parte dos engenheiros entrevistados em nossa amostra se relacionou de maneira diferente com a dificuldade de identificar exercício apropriado de engenharia em seus trabalhos (BUCH, 1999; SALLING OLESEN, 2002), mas isto pode levar à questão do que **realmente** é um engenheiro. De outras partes de nosso projeto de pesquisa, nós sabemos que a engenharia é uma profissão em rápida mudança e se desenvolvendo em diversas direções (relatado somente em dinamarquês e de uma forma bem popular, IDA, 2000). Um estudo

mais recente, em uma situação histórica bem diferente, trabalhando com a engenharia de software na China, mostra como as mudanças tecnológicas, a estrutura industrial e modelos de carreias fundamentados culturalmente nos deixam com uma variação ampla e mutável na definição de engenharia (YANG, 2011). Dentro deste quadro de mudança e diversidade, Christian seguiu uma das carreias típicas da engenharia. Christian se *autoidentifica* como um engenheiro? Sem ambiguidade:

[...] Eu nasci para me tornar um engenheiro, na velha e boa forma como meu pai era um artesão e o pai dele era um operário, eu presumo. E assim é que deve ser, precisa existir alguma melhora na carreira. Então, quando eu era ainda uma criança, em casa eu acho que nunca falamos sobre nenhuma outra opção além da eu me tornar um engenheiro [...].

Assim, a única maneira de avançar profissionalmente... era me tornar engenheiro. Eu diria, eu comprei o prestígio embutido nisso então. [o conteúdo técnico] Em muitos aspectos, eu poderia também ter sido treinado como moldador, você vê. Mas esta não era a ambição correta da família. Então você tem que ser - tem que haver algum progresso a cada geração. Até que as coisas... Quando eu comecei no estaleiro (engenharia) era a única maneira de conseguir o prestígio, devo dizer, que era necessário para conseguir influência, por ser um engenheiro (p. 1, 20).

Aparentemente ele não vê o seu trabalho como estando baseado na engenharia - uma vez que, na verdade, faz uso de algumas habilidades advindas da educação. Ele parece definir a engenharia verdadeira pelo lado técnico. Diz:

[...] então, fundição é mais uma habilidade do que uma ciência de engenharia, a menos que você dirija uma grande empresa com muita tecnologia, se você dirige uma pequena fundição então, é muito mais uma questão de conhecimento (know-how), ou seja, de experiência. Por exemplo: a matéria prima que você utiliza... nos velhos tempos você iria pensar que era superstição. Então hoje temos relatórios que lemos e utilizamos, você sabe. Sempre funcionou e não existe nenhuma outra mística do que esta. Então é verdade, se você quiser estar na vanguarda em tecnologia como algumas fundições, então você precisa adicionar ciência de engenharia. Nós estamos então falando de grandes fundições, o que faz toda a diferença, você percebe (p. 15).

Em outras passagens a conexão entre *grandes fundições* – *alta tecnologia* não parece ter nada a ver com engenharia – e menos com ele mesmo: menciona colegas de sucesso em fundições que se tornaram mais tecnológicas, sem que seus administradores fossem engenheiros:

Porque é muito exagerado – uma companhia como a que gerenciei. Bem, poderia ter seguido por outro caminho se tivesse se tornado mais tecnológica. Percebo que muitas pessoas que dirigem fundições hoje em dia, que vem sendo herdadas por gerações, empresas muito antigas, eles são fundidores com as aptidões típicas que receberam treinamentos de aperfeiçoamento e [...] então entraram para a empresa. Quase nenhum deles é engenheiro. E eles sobreviveram (p. 20-21).

Christian se apega principalmente à sua explicação anterior: que o mercado e a economia são fatores decisivos para o sucesso ou para o insucesso. Algumas reflexões aqui e ali sugerem que a ciência da engenharia pode se tornar relevante. Ele sabe (ao menos retrospectivamente) de algumas situações nas quais as habilidades técnicas e o desenvolvimento poderiam ter sido importantes, mas ele não usou esse conhecimento na época.

Mas, então, talvez não tivesse sido Christian? Essa opção é mencionada de forma bem hipotética, uma vez que sua identificação com a fundição pequena, artesanal e decadente é clara e óbvia:

Não, Eu era parte daquilo. Foi um processo deprimente. Tudo o que eu havia construído nos anos 70, tive que me envolver no seu desmanche durante os últimos 6 meses... transformando tudo em sucata de ferro. Você não fica feliz com isso... e ainda tem o agravante daquele ter sido seu único local de trabalho durante toda a sua vida. Não pega muito bem [...]. Eu não posso vender minha carreira em fundição por ter feito isso e aquilo. Eu a mantive funcionando por 29 anos. Eu acho que isso é uma conquista, se você tivesse visto como era velha (p.28, 31).

E com a função de gerente de unidade também:

Eu estou voltado para lidar com a vida cotidiana dentro de uma pequena empresa com seus problemas. Sim, todo o horizonte de ser um conselheiro espiritual para a tarefa de fazer um maquinário sucateado que está que-

brado voltar a funcionar. [...] Bem, eu penso que seja tarde para aprender algo novo ou um processo completamente diferente, mas admito que seja possível. Eu conheço bastante sobre manutenção de máquinas (p. 28).

Momentos de virada na vida e na profissão

Ele também não tenta nenhuma alternativa pessoal para sua profissão. Nós não conseguimos saber muito sobre o que ele aprendeu e como desenvolveu isso dentro do contexto, mas podemos perceber que ele conta uma história de destino coletivo onde não agiu, e nem poderia ter agido, de maneira diferente. A ideia de que seu trabalho não era realmente engenharia pode ter sido menos clara na época do que é agora na história. Mas parece conectada a uma profunda ambivalência, relacionada tanto com sua origem social e com as escolhas que fez – veja a citações acima e a seguir: “*Minha mãe era muito exigente, então não chamaria isso de serviço leve de limpeza, limpeza histerica eu diria*” (p. 6).

Ele percebe que para manter suas qualificações de engenheiro e se manter no mercado, deveria ter feito algum tipo de mudança quando a empresa da família começou a decair. Mas isso foi exatamente na época em que sua esposa faleceu:

Assim, eu fiquei com as bênçãos deles só para mim. Esta é uma das razões por que fiquei na empresa, você vê [...]. Bem, naquele tempo seria impensável você sair às 17:00 para buscar as crianças no colégio, ou mesmo antes das 17:00. Todos iriam morrer de rir se você dissesse algo assim.. Esta é a razão por que eu fiquei. Porque naquela época eu percebi – ficou gradualmente claro para mim – que alguma coisa aconteceria, se a companhia afundasse e nós fôssemos dois para reparar o fardo, eu quero dizer, meu proprietário e eu... estaríamos ok. Eu realmente senti vontade de tentar uma outra coisa, mas eu não tinha muita autonomia naquela época, alguém pode dizer isto. Por isso eu me sinto grato que tivesse aquele emprego (p. 10-11).

Ele descreve isto em termos de conveniência. Mas na verdade fez uma escolha pouco comum e usou sua posição social para defender essa escolha (mantendo as autoridades sociais longe do cuidado de seus filhos). Em um ponto crucial – ao

menos pelo que nos parece agora -, escolheu ser um pai sozinho com uma profissão de homem.

Na entrevista, ao menos por duas vezes, ele volta a falar de uma perspectiva alternativa de vida: joga com um sonho alternativo, que ele teve antes de iniciar seus estudos de engenharia. Na época, foi rapidamente abandonado, pois não proporcionaria seu sustento - e agora emerge:

Eu me interessei muito por história, especialmente pelo período Viking. Eu invejo um homem chamado... Petersen, que também é um engenheiro. Ele se formou e, mergulhando em busca de barcos Vikings naufragados, se tornou - não sei se ele foi diretor do Roskilde (provavelmente o Museu do Navio Viking /HSO), mas ele tinha algo ao mesmo tempo. Isto deve ser o emprego dos sonhos, mas só se encontra um desses no mundo, é assim que são as coisas. Você também precisa ter o cuidado de destruir seus reais interesses em seu local de trabalho, se isso vier a se tornar uma rotina fadigante (p. 26).

Então, por que ele não se tornou um historiador?

Naquele tempo, os garotos viravam técnicos e as meninas professoras de línguas, era assim que deveria ser. Não havia muitas alternativas... Quando eu manifestei minha inclinação para ler os clássicos e para a história e coisas assim, foi incrível! então virou um passatempo ou interesse. Ent.: Como você manifestou isso?

Bem, eu sugeri que gostaria de ser educado em tais coisas. Elas poderiam ser úteis de algum modo.

Ent.: Para os seus pais?

Sim, sim. A ideia não foi muito apreciada eu devo dizer... - você não pode viver disso, é muito engraçado, mas... Bem, eles venderam a mensagem, eu preciso dizer (p. 9).

Ele parece ter sido facilmente convencido a adotar a visão dos pais sem protestar. Precisamos considerar se ele alguma vez articulou essa visão entre o agora e aquela época. Isto não parece preocupá-lo como uma identificação real ou como um plano prático. Talvez, na verdade, a situação da entrevista, com duas pessoas vidas de outra realidade, tenha representado algo como a vida alternati-

va que ele uma vez manifestou, tenha desencadeado essa lembrança?

Futuro - visões alternativas?

Suas perspectivas profissionais estão abaixo de qualquer trabalho que possa utilizar suas habilidades de gerente de fábrica e que não seja socialmente degradante: "Eu realmente conheço bastante sobre manutenção de máquinas" (p. 28).

Seu entusiasmo atualmente é com barcos e navegação e a marina próxima parece organizar as relações da comunidade. Christian tem uma namorada - há 6 anos já - uma professora, que mora no interior, e está considerando se mudar para a casa dela, percebendo que é mais fácil mudar junto com seu barco, do que ela ter que passar a morar longe do emprego. Esta parece ser a figura mais próxima de uma visão de futuro - a conectar este novo casamento e o barco na marina.

Lá no ancoradouro, onde tenho um barco, a coisa mais importante em minha vida, você vê, ao menos em bens materiais, o resto não é importante. Mas meus filhos - eu não comentei - eles vivem no exterior. Assim, só me resta a bênção de uma velha mãe e então mais nada, ninguém para tomar conta de mim (p. 31).

A última sentença expressa claramente a sua resignação em relação aos filhos. Os dois moram na América do Norte: a filha, construindo sua carreira; e o filho, para sua insatisfação, considerando a possibilidade de comprar um barco e sair navegando mundo a fora, em vez de se dedicar à sua carreira em TI. A maneira com que sua história trata com os filhos é impressionante - a despeito das circunstâncias, a entrevista foi definida dentro de um contexto profissional. Além da modesta atribuição de importância para o papel deles em sua carreira e do fato de que eles tiveram que se cuidar sozinhos na infância, ele agora menciona que moram no exterior e que não os encontra com muita frequência. De certa maneira, os filhos estão fora da história. Por outro lado, faz vários comentários sobre seu filho:

Um filho, isso já é um pouco pior. Infelizmente ele está se alimentando da ideia de navegar... Isso é, isso não é muito bom [...] ele é extremamente brilhante. Mas ele gasta muito de seu tempo se auto realizando, eu devo dizer. Enquanto eu desesperadamente tento fazer seguros para cobrir todos os riscos a que ele esteja sujeito lá, com custos elevados, você sabe. Você não pode ficar doente nos Estados Unidos. Sim, [agora lembrando], ele estuda criptografia. Assim, ninguém pode se apropriar de suas coisas, você entende. [...] Eu aplaudi quando soube disso. Eu pensei que ele voltaria para a Dinamarca e montaria uma empresa e prestaria serviço para os militares ou algo assim, onde as informações não pudessem ser hackeadas [...] estava muito feliz com isso, se ele não tivesse tido essa ideia de comprar um barco com o dinheiro que seu velho pai economizou para seus estudos... Ele acha que pode navegar para uma pequena ilha no Pacífico e estudar de lá, pela internet, com seu computador de 12 volts... Ele respirou poliéster quando era pequeno. Com toda certeza. Mas ele não poderia ter se formado primeiro, antes de começar com essas ideias? (p. 42, 43)

Um pai irritado! Quase agressivo – mas ainda um pouco orgulhoso? O poliéster é o material utilizado para construir e consertar barcos. Nós podemos perceber, em algumas outras entrevistas, engenheiros que são muito parecidos com o filho de Christian, e este também entende de certo modo. Especialmente em uma passagem fica evidente que ele delega a si mesmo a identificação de vida não vivida em seu filho:

Graças a Deus, os jovens de hoje fazem o que eles querem, não fazem, isto parece bem razoável visto desta maneira. Assim, eles não terão arrependimentos mais tarde... Mas eu devo admitir: minha vocação era a história e as artes clássicas antigas, em primeiro lugar. Mas eu me dei conta que esta não seria uma coisa que me permitiria viver decentemente, não havia muitos empregos disponíveis em museus (p. 2).

O filho irá se atrever a seguir seu próprio caminho, ele vai unir o que na vida atual de Christian parece ser um objeto de identificação primária, a navegação, com uma profissão (ele vai usar suas habilidades com o computador para navegar, se comunicar e, para tornar-se um engenheiro de um tipo totalmente novo - cheio de esperanças).

Conclusão preliminar da interpretação

Christian pode ser visto como uma personificação do desenvolvimento em engenharia que está por trás da tendência geral encontrada por nosso estudo, uma grande confusão de identidade profissional: para onde a *verdadeira engenharia* foi? Sennett pinta um quadro mais amplo da transformação do capitalismo. Ele sugere que a base do objetivo da identificação com o trabalho e com a competência profissional está sendo completamente destruída. Em um contexto mais amplo – que não é a sua missão – provavelmente iria sugerir que as profissões em seu sentido clássico – pessoas com uma ocupação baseada em um conhecimento e identidade de trabalhos específicos – sumirão por completo. Na história de Christian, “a grande história” aparece principalmente como trajetórias inevitáveis, as quais ele ainda agora, com o declínio histórico e pessoal, encerra completamente. Mas isto mais ou menos elucida claramente a maneira como foram contraditórios na época. Em uma perspectiva de história de vida, a pequena parcela do declínio industrial que ele realizou não era de todo inevitável – está relacionada especificamente à globalização em uma área de negócios – e não é de todo negativa – embora seja para ele.

A análise acima sugere que a identidade profissional de Christian está fortemente ligada à sua vida pessoal e social – o seu histórico familiar, sua socialização de gênero, em primeiro lugar, mas, mais tarde, também, à história de sua família. A morte prematura de sua esposa, por um lado, parece impedir qualquer desenvolvimento profissional, mas no contexto representa um experimento de gênero. Ou isto protegeria Christian de assumir riscos? Nós não podemos – ao menos neste estágio da análise – estar seguros sobre o impacto de diferentes aspectos, mas já vimos algumas das complexidades e dos investimentos subjetivos das escolhas que ele fez – ou não fez. Além disso, parece que descobrimos perspectivas de vida submersas que dificilmente apareceram nas conversas e que, entretanto, dificilmente foram muito conscientes na vida de Christian – uma carreira alternativa.

Nós podemos ver – apesar da quase ausente narração sobre os filhos e da posição bastante resignada que ele tem – que especialmente para o filho é delegado fazer aquilo que o próprio Christian não fez, também no sentido da tecnologia e do conhecimento. Embora ambivalente e se não completamente consciente, ele projeta uma nova identidade profissional, que engloba tanto algumas de suas próprias vidas não vividas como a mudança histórica que o fez redundante no – orgulho! – fato de imaginar seu filho como um representante de uma nova relação com a tecnologia e com o trabalho.

Uma abordagem empírica da história de vida oferece uma descrição mais rica da dimensão social desta história do que uma simples transformação unívoca. A análise também sugere a necessidade de teorizar o lado subjetivo do trabalho de uma maneira mais ampla, que leve em conta as ambivalências e as identidades ocultas envolvidas na definição profissional e nas identidades relacionadas ao trabalho. A abordagem da história de vida se dá com a notificação de um processo de identidade contraditório e dinâmico, no qual o indivíduo – e em alguns casos o coletivo – revisa suas configurações emocionais e cognitivas. Neste quadro, fica autoevidente que a subjetividade é moldada pela realidade social prévia e atual, incluindo o trabalho, mas não uma única vez nem para sempre. O aprendizado do indivíduo está incorporado nas interações entre mudança de realidade, discurso social (cultural) e, prática e consciência (SALLING OLESEN, 2007; 2010). Mesmo dos curtos trechos citados aqui fica óbvio que Christian, apesar do seu sentimento de fatalidade, é também ambivalente e emocional, ao culpar a ele próprio e a “figuras inimigas” coincidentes, como as leis ambientais, quase que na mesma sentença. Ele reconhece que “morrer junto com a indústria” de fundição do ferro era algo de que ele gostava – juntando todas as tarefas técnicas, sociais e práticas de ser o administrador de uma pequena indústria – e ele percebe que era o seu destino ser um pai solteiro – em um tempo em que os homens não deveriam ter uma carreira e cuidar de duas crianças ao mesmo tempo. E, na realidade, o exemplo de ambivalência mais forte parece estar relacionado com o seu filho como um discípulo profissional – desapaixonado, mas

também uma projeção esperançosa de uma nova maneira de seguir seus desejos e tornar-se um profissional ao mesmo tempo.

Estas ambiguidades e ambivalências são abertas por uma abordagem empírica que busca entender o protagonista em um sentido hermenêutico, ao mesmo tempo que o teoriza como exemplar de uma história psicossocial, direcionando o foco para as transformações macrohistóricas, assim como para os microsignificados locais e subjetivos.

Richard Sennett não parece reconhecer tais oportunidades promissoras para o aprendizado e para o engajamento ativo dos trabalhadores no novo capitalismo. Eles estão simplesmente flutuando à deriva. Aqueles que realmente refletem e aprendem são aqueles cujo caráter permanece sólido e incorruptível. Mas passando por todos os outros aspectos que não a mudança de época no trabalho e seus resultados subjetivos, ele está reduzindo não somente a complexidade, mas também a atenção para as perspectivas de ação abertas ou ocultas e o potencial de aprendizado dos protagonistas.

Estou certo de que tudo isto foi compilado pela crítica ao novo capitalismo de Sennett. Mas isso também pode indicar uma questão sobre teorizar a subjetividade e as implicações para a prática política. No caso dos engenheiros, parece haver um tipo de reconciliação (religiosa) moralista ao mesmo tempo que atribuem a culpa a eles mesmos, por não haverem percebido o desenvolvimento social apropriadamente. O principal conceito de Sennett quanto ao sujeito, a noção de caráter, apresenta algumas similaridades com o que outras teorias denominam de identidade e alguns dos mesmos problemas, especialmente a tendência de idealizar como uma relação subjetiva consciente uma determinada realidade social, estabelecendo um pacto estável entre a psique individual e um determinado grupo social. Por outro lado, o “caráter” parece ser vigorosamente moldado pelo trabalho – o que eu penso ser razoável, mas simplificado em demasia –, mas a dicotomia entre o sujeito que aprende (caráter) e contexto social (trabalho) é reproduzida pela maneira com que o caráter se torna subjetivamente significativo. Parece que o traço de personalidade está definitivamente marcado. E a

estabilidade desse traço de personalidade ao final se transforma em uma integridade idealizada da pessoa.

Eu tenho a tendência de ver uma correlação interna entre essa dicotomia e o moralismo político. Se isto for verdadeiro, traz perspectivas interessantes para uma discussão mais ampla da noção de subjetividade de Sennett e de sua dependência da filosofia liberal. O impasse político na crítica ao novo capitalismo de Sennett pode ser visto como um comentário histórico aos problemas que Charles Taylor tentou definir e denominar filosoficamente (1989) – mas a busca de Taylor pelas fontes do eu também podem ser vistas como um desafio para se estudar as pessoas e os processos, com atenção para as maneiras pelas quais elas têm recursos e potenciais de aprendizado para algo além de ser somente um caráter.

Aqui é onde uma abordagem empírica formada criticamente se encaixa. A esperança deve ser reconhecida em um contexto; nós pensamos que as ferramentas metodológicas podem ser muito inspiradas por adaptações marxistas e por uma adaptação sociocultural dos métodos de interpretação psicanalíticos – nós denominamos isso como uma hermenêutica aprofundada ou uma hermenêutica comunicativa (SALLING OLESEN, 2012). Em uma interessante nota de rodapé, Berger & Luckmann (1966 [1979], p. 226) banem fortemente as tentativas de sintetizar o marxismo e a psicanálise pela razão de terem interesses epistemológicos opostos a uma perspectiva democrática e emancipatória da teoria crítica social:

É mais um fato irônico que os teóricos neomarxistas recentemente tentaram contato com a psicologia Freudiana (a qual é fundamentalmente incompatível com os pressupostos antropológicos do Marxismo) sem prestar atenção à teoria de Mead de dialética entre sociedade e indivíduo, a qual estaria, em um grau bem maior, de acordo com seus próprios métodos.

Esse rodapé é interessante porque o livro de B & L (de maneira questionável, eu penso) começou mais tarde a ser visto pelos construtivistas sociais como o primeiro trabalho básico

para o construtivismo social. Minha tese é de que esta nota de rodapé é a demarcação de uma diferença fundamental nos conceitos de subjetividade entre uma tradição (principalmente) continental europeia e uma tradição (eminentemente) norte-americana, que vem se tornando hegemônica no cenário científico globalizado anglofôno.

Nós fomos inspirados pelos dois pragmatismos (utilizando métodos autobiográficos na versão difundida, entre outros, por Peter Alheit) e pela Teoria Crítica Germânica, que Berger & Luckmann tão fortemente criticam (Salling Olesen 2004; 2010; 2011).

A questão sobre Mead é indiscutível. Mas também pode ser visto – sem psicanalisar a forte defesa dos limites disciplinares e a distância que B & L tomam da psicanálise – que sua teoria se refere a uma constante antropológica: o sujeito na história (e realmente existe uma história social na teoria de B & L) permanece sendo concebido como um voluntariado individual. No tratamento dado pelos próprios B & L, existe uma distinção entre sociologia e psicologia e diz respeito ao limite disciplinar – de acordo com a ausência de pretensão metacientífica em seu construtivismo. Mas este pode ser exatamente o ponto irônico: eles não querem entrar no plano do construtivismo, eles podem evitar as questões metacientíficas das quais foram, mais tarde, considerados os pais e, então, têm que defender os limites disciplinares. O que parece proporcionar a liberdade do sujeito individual como agente das interações sociais. Nós devemos considerar que este é um exemplo interessante da alegação de que o conhecimento é sempre sabido por *alguém* em um *texto específico* – o construtivismo é completamente diferente para B & L e para as feministas pós-estruturais.

Mas esta é uma história muito mais abrangente, que pode ser retomada em outra oportunidade.

Referências

- AAGAARD NIELSEN, Kurt. **Arbejdets sociale orientering**. Copenhagen: Forlaget Sociologi, 1997.
- BUCH, A. In search of the lost engineer identity. In: **Adult education and the labour market V**. Copenhagen: Roskilde University Press and ESREA, 1999.
- CHRISTENSEN, T.; BUCH, A. **Ingeniørliv - otte fortællinger** [engineering life - eight life stories] Copenhagen: IDA, 1999.
- IDA. **Knowing - et landkort over ingeniørernes fremtid**. Kbh, 2000.
- NEG, Oskar; KLUGE, Aleksander. **Geschichte und Eigensinn**. Frankfurt: aM, Zweitausendeins, 1981. Reprint in *Der unterschätzte Mensch* (2001), same publ.
- SALLING OLESEN, H. A new concept of qualification, in SALLING OLESEN; RASMUSSEN (Ed.). **Theoretical issues in adult education**. Danish research and experiences. Copenhagen: Roskilde University Press, 1996.
- _____. Professional identity as learning processes in life histories. **Roskilde, Papers from the Life History Project** 12, 2000.
- _____. Professional identity as learning processes in life histories, **Journal of Workplace Learning**, v. 13, Issue 7/8, 2001.
- _____. Where did real engineering go? Lecture available at <http://www.ruc.dk/inst10/om_inst10/personale/VIP/hso/artikel_10> 2002.
- _____. The learning subject in life history - a qualitative research approach to learning. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **A aventura (auto)biográfica**. Teoria & empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- _____. A história de vida para além do individualismo - as interpretações psicossociais das biografias. In: VICENTINI, P. P.; ABRHÃO, M. H. M. B. **Sentidos, potencialidades e usos da (auto)biografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- _____. Crisol de diversas inspiraciones: El enfoque biográfico y la historia de vida en investigaciones sobre el aprendizaje de adultos in Europa. In: CASTAÑEDA, J. A. S.; MORALES, J. M. R. (Coord): **Trayectorias: biografías y prácticas**. Mexico City, U.P.N., 2011.
- SALLING OLESEN, H. (Ed.). **Cultural analysis and in-depth hermeneutics**. Psycho-societal analysis of everyday life and learning (work title), FQS 2012(2).
- SALLING OLESEN, H.; WEBER, Kirsten. Space for experience and learning. Theorizing the subjective side of work. In: WEBER, Kirsten. **Experience and discourse**. Roskilde University Press, 2001.
- SENNETT, Richard. **The corrosion of character**. London/NY: Norton, 1998.
- TAYLOR, Charles. **Sources of the self**. Cambridge: Harvard Univ Press, 1989.
- YANG, Y. **The professionalization of software engineering through the career learning of software engineers in China - a life history case study**. PhD Dissertation, Roskilde University, 2011.